



# Yãmĩy Maxakali do Um “haicai” antropofágico Helicóptero

Na aldeia

No dia 28 de março de 2008, em visita à aldeia de Pauleno, no Pradinho, numa das terras Maxakali em Minas Gerais, me deparei com um *mĩmãnãm* (“pau de religião”) bem alto. Era o *mĩmãnãm* do *Xũnĩm* (morcego). Ao longo de seus prováveis mais de seis metros de altura, continha quatorze desenhos de *yãmĩy* (os espíritos maxakali). A lista dos *yãmĩys* que ilustravam o *mĩmãnãm* de cima até embaixo era a seguinte: lua (*mõyõnhex*), sol (*mõyõn*), estrela (*mõyõnnãg*), homem branco (*ayuhuk*), anta (*amãxux*), helicóptero (ver canto na próxima página), morcego (*xũnĩm*), cobra (*kãyã*), sapo (*hãpnãg*), jacaré (*mããy*), onça (*hãmgãy*), cavalo (*kamanok*), *ĩnmõxã* (espírito canibal) e irara, ou papa-mel, (*kupũmõg*).

Para mim todos já eram conhecidos espíritos maxakalis, menos um: o helicóptero. Em língua maxakali se diz: *yãmĩy mĩptutmõg pepi mõg*, que, traduzindo literalmente, seria o “espírito do veículo que anda lá em cima”. Ou simplesmente: “espírito do helicóptero” (foto ao lado).

Pauleno, que disse conhecer o canto desde a sua infância, cantou para mim o *yãmĩy* do helicóptero. E explicou seu significado. Tudo foi gravado em fita magnética através de um pequeno gravador portátil.

Transcrição, tradução

A transcrição e a tradução do canto de Pauleno se deram quase dois meses depois, em Belo Horizonte, precisamente no dia 14 de maio deste ano, na Faculdade de Educação da UFMG, quando Isael, Pinheiro e Mamey, Sueli e Noêmia Maxakali, alunos do Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas – FIEI, vieram a Belo Horizonte para o módulo presencial de suas formações acadêmicas. Aproveitando a situação, foi proposto um exercício de tradução dentro das atividades programadas para aquela semana. Assim, realizamos a transcrição da fita e, como de costume, uma tradução a várias mãos (ou vozes). Nesta tradução passamos primeiro pela versão literal, traduzindo palavra por palavra, até chegarmos a uma síntese do canto-helicóptero.

Yāmīy yōg mīptutmōg pepi mōg

Ūgyīmāg īytopaha

Ūgyīmāg īytopaha

Yāy xee tu īytopaha

Yāy xee tu īytopaha

Xax āna xop te īy kup kūyīy yāy īytopaha

Yīy nīga xop te īy kup kūyīy yāy īytopaha

Ūgyīmāg īytopaha

Ūgyīmāg īytopaha

Yāy xee tu īytopaha

Yāy xee tu īytopaha

Xax āna xop te īy kup kūyīy yāy īytopaha

Yīy nīga xop te īy kup kūyīy yāy īytopaha

Tradução:

Yāmīy (canto) do helicóptero

Eu voo com asas

Eu voo com asas

Eu voo sozinho (por mim mesmo)

Eu voo sozinho (por mim mesmo)

Os homens brancos pilotam para voar

Os homens pretos pilotam para voar

Eu voo com asas

Eu voo com asas

Eu voo sozinho (por mim mesmo)

Eu voo sozinho (por mim mesmo)

Os homens brancos pilotam para voar

Os homens pretos pilotam para voar



A língua sagrada

Os *yāmīys maxakali* (*yāmīy* significa tanto “canto” quanto “espírito”) são geralmente compostos na língua de ritual. Uma espécie de dialeto sagrado da língua maxakali, usado apenas em contexto religioso e, de certa forma, hermético. Alguns termos usados nesses cantos não são de conhecimento comum. Fazem parte dessa linguagem sagrada, dominada principalmente pelos pajés. Não obstante, alguns membros da comunidade, que cultivam um interesse mais íntimo pelo âmbito sagrado de sua cultura, têm conhecimento dela. É o caso dos alunos do FIEI.

No *yāmīy* aqui tratado, por exemplo, termos como *ayuhuk*, que na linguagem cotidiana é usado pelos Maxakali para designar o “homem branco”, ou *mānīy*, que quer dizer o “homem preto” (afro-descendente), são substituídos por *xax āna* e *yīy nīga*, respectivamente. Aparecem nos versos que dizem: *Xax āna xop te īy kup kūyīy yāy īytopaha / Yīy nīga xop te īy kup kūyīy yāy īytopaha* (“Os homens brancos pilotam para voar / Os homens pretos pilotam para voar”).

Contudo, nem todos os termos empregados no *yāmīy* são exclusivos da linguagem ritual. *Kup kūyīy*, por exemplo, que designa o ato de “dirigir” um veículo (por extensão, “pilotar” um avião), é expressão corrente entre os falantes comuns da língua maxakali.

A devo(r)ação sutil

A antropofagia oswaldiana é, ao mesmo tempo, um ato de devoção e devoração. Só se devora aquilo que é dotado de valor, assim como na devoração fisiológica escolhemos para comer aquilo que é mais nutritivo ou saboroso. No caso, o valor é cultural ou de utilidade.

E não é outro o motivo pelo qual o helicóptero foi devorado pelos Maxakali. Em sua fala, Pauleno explica como é útil e importante para os Maxakali "o veículo que anda lá em cima": "Ele leva as pessoas para muitos lugares." Em seguida ele lista um número considerável de cidades, regiões, e até outros países, a que ele próprio e outros Maxakali tiveram acesso através do voo, de avião ou de helicóptero (o desenho estampado no *mĩmãñãm* era claramente o de um helicóptero, mas metonimicamente abrange qualquer veículo voador).

Se na religião indígena os espíritos viajam a terras distantes e trazem de lá visões que, através do pajé, são descritas a toda a comunidade em cantos e narrativas míticas, nada mais natural que uma máquina que possibilita a qualquer indivíduo realizar tal façanha seja incorporada ao seu panteão.

Como se nota, o *yãmĩy* maxakali do helicóptero possui um total de 12 versos, divididos em duas estrofes de seis. Porém apenas quatro versos, repetidos dentro da estrutura do poema, dão a ele sua configuração. Se tomarmos apenas esses quatro versos isoladamente, temos algo muito próximo da síntese e delicadeza de um haicai:

Eu voo com asas

Eu voo sozinho (por mim mesmo)

Os homens brancos pilotam para voar

Os homens pretos pilotam para voar

Como é próprio do gênero tradicional da poesia japonesa, que apresenta originalmente três versos, os versos do *yãmĩy* maxakali do helicóptero se organizam por montagem ou colagem, não havendo entre eles uma relação de conectividade direta e necessária. Eles são dispostos como blocos de imagens independentes, que se relacionam com os outros por mera contiguidade. Não há relação de subordinação de um enunciado ao outro, nem de causa e efeito. Tampouco uma lógica sequencial. Os enunciados são como que lançados ao ar. Dados a ver. São uma visão.

O haicai japonês tradicional se dá a partir de uma observação profunda de algum aspecto da vida. Daí o poema surge como uma espécie de *insight* ou revelação sutil do que estava sendo observado. O produto disso é um objeto (o poema) delicado e simples, fruto de apurada percepção. O *yãmĩy* do helicóptero está muito próximo dessa concepção. Seus versos são a pura constatação de uma pura visão do aparelho alienígena que ajuda os não índios a voar, e que há muito tempo já faz parte da natureza ou ambiente do índio também. Os dois versos que fazem menção ao fato de o homem branco e o homem negro saberem pilotar um aeroplano pedem um terceiro: "os *tikmũ'ũn* também querem pilotar para voar" Ou seja: "os Maxakali também

querem voar". Como reconhecimento da importância e utilidade do objeto, ele passa a fazer parte do *hãmnõgnõy* (algo que se traduz por "outra terra diferente") maxakali, local que, na crença indígena, é a morada dos espíritos. O helicóptero ou avião transformou-se em *yãmĩy*. Dizendo de outra forma, a máquina teve seu espírito capturado pelos Maxakali.

A atitude maxakali é manifestamente antropofágica: apropriar-se de algo do outro, incorporando-o à sua cultura e fazendo com que ele agora passe a ser seu. Nada mais arraigado ao ser Maxakali do que o *yãmĩy*, e nada mais demonstrativo de apropriação ou metamorfose (transformando algo não-índio em algo visceralmente maxakali) do que a transformação de uma máquina voadora em espírito indígena. O *yãmĩy* maxakali do helicóptero soa como um haicai japonês imbuído do legítimo espírito antropofágico.

Charles Bicalho

Doutorando em Literatura Brasileira  
FALE/UFMG

